

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 4 de Maio de 1856

N. 13

LITTERATURA.

Paginas intimas.

FRAGMENTO.

A M. J.

TRISTEZAS DO DESTERRO.

XI

Acabei de sonhar, M., pensava em ti, e n'aquillo que tem alguma relação com o nosso passado.

Via-te, ainda pequenina, acariciar com as tuas alvas e pequenas mãosinhas a nobre fronte de tua mãe; via-te pouco depois, qual borboleta, divagar pelos campos; via-te enfim entregue aos innocentes prazeres da infancia, que formam a mais brilhante pagina da nossa existencia!

Depois, como para te acompanhar até ao momento em que, por um estreito e apaixonado abraço, nos separamos, talvez para sempre, vi-te na adolescencia, nessa idade em que já os teus sorrisos se tornavam tão preciosos como devem ser os dos anjos.

Segui passo a passo essa longa serie d'acontecimentos em que tomaste a mais notavel e interessante parte; tantos foram, M..., produziram em mim tal impressão, que senti as lagrimas deslizarem-se-me pelas faces.... e acordei!

Quão rapido foi o meu sonhar!....

Veio a realidade, mas tão cruel, que o pranto augmentou, e no momento em que escrevo, limpo a ultima das muitas lagrimas que hei vertido por ti, por ti a quem dedico e dedicarei sempre os poucos pensamentos prenhes d'uncção, que soem brotar do espirito que soffre!....

Quantas vezes tenho esquecido a realidade de minha posição para me lembrar de que, como eu, talvez partilhas esses pensamentos, e que

não obstante a longa distancia ainda te sou charo! Infeliz de mim se esses instantes se não repetissem!....

Ignoro como poderei explicar-te a especie de magico encanto que me prende á recordação daquella noite em que me revelaste o mais intimo dos teus pensamentos; ignoro, M., as expressões que devem completar a minha idéa; o que sei, o que sinto advinhal-o-has sem duvida, porque o coração me bate apressado, e diz-me que acharei sempre em ti a querida companheira d'outr'ora...

Não reveles a ninguem essas impressões; guarda-as como eu sei guardar tudo que vem de ti, e pensa sempre naquelle que te ama bastante para não aceitar todas as consequencias do seu amor!....

Compensarás assim o muito que hei soffrido após a nossa separação....

Rio, 4 de Maio de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

● mysterio d'uma noute.

ROMANCE

POR JOSE' MIGUEL DIAS FERREIRA.

CAPITULO VII.

Cinco annos depois destes acontecimentos, via-se continuamente na igreja da Ajuda, na occasião da missa, um homem que chamava a attenção de todos.

Era de estatura pouco alta, as carnes mostravam que tinham-lhe desaparecido. Os ossos mui salientes, os olhos encovados e com um circulo roxo, que mostravam os soffrimentos, que queriam arrasta-lo á sepultura.

Uma palidez mortal lhe cobria todo o corpo, a barba e os cabellos eram crescidos, e a voz quasi extincta lhe davam um aspecto de resuscitado.

Uma capa preta e mui comprida o envolvia

da cabeça aos pés; e um bordão lhe servia de arrimo. Todos os que por perto d'elle passavam ficavam admirados do seu traje e liam em suas faces cadavericas uma dôr infinita.

Seu coração sentia-se; e infundidos d'um certo respeito, contemplavam-o em silencio, e quando finalisava o acto sagrado sahiam, e procuravam descobrir na multidão, o *vulto negro*, como muitos lhe chamavam. Oh! que homem mysterioso é esse! ninguem lhe ouve uma palavra; mas a muitos commove com seu pranto. Quem será? como se chama? é o que todos perguntavam á uma; mas ninguem pôde saber se o *vulto negro* era verdadeiramente mudo; ou se alguma paixão o tinha arrastado ao pessimo estado em que o viam.

Muitos lhe perguntavam qual o seu soffrimento; mas elle cabisbaixo e em silencio, encolhendo os hombros, dava a entender que não sabia.

Era sempre o ultimo que sahia da igreja; e muitas vezes o sacristão o avisava, que a porta do templo se ia fechar. Encostado a um canto, elle derramava muitas lagrimas em silencio, e procurava occultar sua tristeza aos olhares investigadores da multidão curiosa.

Quando as freiras vinham fazer côro na celebração da missa, elle de joelhos, com o queixo encostado ao seu bordão, parecia querer devorar com a vista até os menores movimentos das religiosas, que cantavam em louvor do Senhor.

Seu rosto desfigurado, parecia alguns instantes mais alegre, e um leve sorriso se deslisava em seus labios; e a pós duas lagrimas lhe corriam pelas faces. A satisfação que sentia era notada, nos repetidos suspiros que dava. Depois que as trevas voltavam, e se a lua as vinha dissipar, ahi encostado ou assentado á porta do templo o haviam de ver. Então parecia muitas vezes, que fallava a si mesmo; e depois passava horas inteiras ao sereno da noite, em continua oração. Oh! exclamava elle em voz baixa; este soffrimento vai-me consumindo lentamente, mas o amor outr'ora abandonado, tornou a vencer meu coração! e a triste recordação, o não poder nunca mais fallar-lhe, são o castigo da minha imprudencia!... Oh! eu a detestei, sem saber que ella era innocente!....

Ella me amava ainda; e preferio antes lamentar seu infortunio á sombra destas paredes, do que amar a outro! Mas como poucas horas me restam talvez de vida, contento-me em ouvi-la cantar; ainda que occulta pelo véo, parece-me que sorri,

e me alivia a dôr. Muito tempo durou a peregrinação deste homem que ninguem conhecia, e que ás vezes o raiar do dia vinha achar em gemidos e soluços.

Um dia bastante cedo estavam algumas freiras á espera para receberem a communhão; havia muito pouco povo na igreja; porém o *vulto negro* já lá estava encostado a um lado, olhando com anxiedade para o lugar onde deviam mostrar o rosto as religiosas. O semblante parecia mais cavado do que nunca, em tudo era um visivel esqueleto da morte, e parecia estar bastante alterado.

A cerimonia não tardou, e as freiras foram vindo uma por uma, para receberem a communhão. Elle olhava attento, e ao mostrar o rosto uma, ainda de pouca idade, deu um passo para o lugar, ellevou a voz, e querendo gritar, apenas pronunciou baixo — Amelia!....

(Continúa.)

Os meus sonhos

OU

A HERANÇA DE MEU TIO

(Continuação.)

Porém, que grande susto não me causou o ver que o meu figurino se mechia todo; julguei ser outra cousa, mas qual! vi-o claramente suspender o curto collete, e puxando por uns enormes sinetes, que ao menor movimento do seu proprietario começavam a traquinar, puxou por um relógio, aonde, atravez de um vidro aspero e sujo, se distinguiam uns ponteiros marcando doze horas, e tornando a guardar o sobredito relógio ollhou para a comitiva que o acompanhava, e para mim, e disse: são horas....

— Debalde procurarias a minha imagem entre esses retratos, me disse elle, com voz capaz de metter medo a um defunto: no meu tempo nenhum pincel se daria ao trabalho de reproduzir as feições de um escravo como eu! mas comprehendí as miserias da minha condição, e á força de trabalho consegui comprar a minha alfurria. Foi então, graças a ella, que um dos meus descendentes, que vês, pôde instruir-se e fazer-se ecclesiastico.

Aquelle que tinha sido designado, avançou então.

— Os pobres e os opprimidos tinham necessidade de apoio, disse elle mansamente; sustenta-

do pelo nome de Christo, tratei de lh'o prestar ; ajudei a instruir o povo, e fazer-lhe amar o bem, a fortificá-lo com a probidade, a esperança, a paciência, em quanto a nossa familia se elevava lentamente á minha sombra, e tomava posto entre os honrados commerciantes da provincia.

Um terceiro interlocutor ergueu então a voz.

— Este posto transmittido por nossos pais, tratei de o engrandecer, disse elle com certo ar de importancia, nomeado syndico da minha corporação obtive para ella novas immunições; reunimo-nos para defender o fructo do trabalho contra a violencia, e fui um dos fundadores dessa corporação de cidadãos que associa os interesses geraes debaixo do nome de *Communs*.

— E eu, disse o que se achava mais proximo ao antecedente interlocutor, que pela toga e semblante austero podia reconhecer-se por magistrado, contribui para que a lei prevalecesse sobre o capricho, e a igualdade sobre o favor. Os mais poderosos tiveram que submeter-se á decisão de juizes desarmados : a força curvou-se perante o direito.

— Não fallando em que ella se declarou sua auxiliar digo eu ! accrescentou um official, cuja tez se achava crestada pelo sol ; os descendentes do escravo de outr'ora acabaram por cingir a espada, e tornaram-se os defensores da patria e da lei ! Desde que uma e outra pertenceram á nação inteira, esta derramou o seu sangue para as defender ; tornando-nos soldados, todos nós passamos á classe dos nobres !

(*Continúa.*)

SERPA PINTO.

Mathilde.

POR A. XÁVIER RODRIGUES PINTO.

(*Continuação.*)

Para que a idéa do passado não venha destruir a felicidade de que gozas no presente, respondeu Carlos levantando-se, é que te imploro que não voltes á casa de Mine. Adelaide ; porque, Mathilde, tenho convicção de que ella seria o teu anjo máo, como o tem sido de todas aquellas que lhe cahem nas garras !

— Mente ! bradou uma voz ao lado de Carlos.

Este voltou-se, como se uma serpente o tivesse mordido.

Mathilde soltára um grito tão doloroso e pun-

gente, que fez apparecer no lugar da scena o preto de Carlos.

— Sr. Carlos, por tudo quanto lhe é de mais charo, eu lhe peço, vamos para casa, disse a joven.

E a pobre menina abraçou-se com o mancebo, como para procurar um refugio á aggressão do recém vindo. Tudo isto se passára tão rapido, que Carlos não pôde responder á offensa que lhe fôra dirigida. O preto adivinhando pelo grito de Mathilde que alguma scena desagradavel se hia seguir, aproximou-se de Carlos, e com um olhar cuja expressão é impossivel descrever, disse, voltando-se para Lourenço, pois que era elle.

— Branco, eu estou aqui.

— Retira-te, Domingos, redarguiu Carlos com imperturbavel fleugma, aquelle Sr. sabe que costume dar pouca importancia ás torpes paixões do coração ; ora como tenho certeza de que o insulto que acabou de dirigir-me tem seu tanto desse defeito, não trato de repellil-o. Quanto a ti, Mathilde, senta-te e nada temas ; o Sr. Lourenço deve querer concluir o seu discurso, e eu estou resolvido a escutal-o. E para juntar a acção á palavra, Carlos obrigou a joven a sentar-se. Domingos cruzou os braços, e deixou se ficar no mesmo lugar.

— Prosiga, Sr. Castro, disse Carlos voltando-se para o agressor.

— Tem desejos de ouvir-me, não ? vou satisfazel-o ; e estimo bastante que tenha duas pessoas presentes que pôdem repetir amanhã o que lhe disser hoje.

— Mathilde, presta attenção aos debates ; estamos em plena sessão ; a lua brilha no firmamento, a brisa acaricia nossas faces, e as flôres espargem seu agradável perfume. Desculpe, Sr. Lourenço, a sua presença inspirou-me este preambulo poetico.

— Vinha passando perto da *encruzilhada*, disse Lourenço, sem responder ao sarcasmo do primeiro, quando ouvi que se fallava em uma pessoa do meu conhecimento, e com a qual tenho intimas relações. Calumniava-se essa pessoa ; attribuia-se-lhe cousas infames, que só o despeito pôde authorisar ; não pude conter-me e soltei aquelle brado d'indignação, resolvido a esperar todas as consequencia d'elle ; eis, Sr., a explicação que posso dar-lhe.

— Nada adianta, respondeu Carlos, acendendo um charuto com todo o socego ; além d'isso não lhe pedi explicação alguma. Comtudo, se

bem me lembro, fallou em despeito ; o que vem a dizer isso ?

— Que Mme. Adelaide sabe tomar na devida conta as declarações amorosas que costumam fazer-lhe....

— Se o entendo eu me chamo Lourenço de Castro ; atalhou Carlos alçando os hombros.

(*Continúa.*)

Fé, Esperança e Caridade.

III

CARIDADE.

(*Conclusão.*)

O interesse e a agiotagem são hoje as virtudes que movem os corações; não ha philantropia, ha usura, não ha caridade sem limites, ha ostentações vaidosas que solapam o sentido da palavra caridade !! Não vá um pobre pai de familia munido de documentos que provem sua penuria implorar a beneficencia publica, não ! porque terá em resposta um, Deos o ajude !! Não vá um homem probo esmolar para uma indigencia, por que nada obterá, mas vão esses que espalham fitinhas e titulos, que têm na mão o poder de elevar esta sociedade que só adora o fausto, esses sim, porque Fuão cuja origem é incerta, mas que se quer enxertar em uma familia nobre, abre os cordões á bolça e concorre com grande quantia, porque em troca verá seu nome publicado e na primeira *fornada* terá a recompensa, igual ao donativo !!! Que *caridade illimitada* !! que *abnegação* !! Quereis ver a caridade do clero ? ide confessar-vos e senão pagardes ao confessor ficai certos que não obtereis o bilhete comprobativo da confissão !! sois absolvidos não pelo vosso arrependimento, mas pelo *in hoc signo vinces* !! emblema que hoje adorna o dinheiro !!.... *In hoc signo vinces*, que na primitiva adornava a Cruz da redempção, hoje tem nova traducção ! quer dizer, com o dinheiro vencerás !! Fé, Esperança e Caridade, hoje são virtudes sem valor, por outra estão tão adulteradas que querem dizer, logro, desespero, e vaidade !! Não é a caridade humilde e respeitosa que move hoje o individuo, é a vaidade sem limites que o move para obter, pelo donativo, o grão de interesse a que attinge, a quantia indica a recompensa, a este a fitinha, áquelle o poleiro, áquelle outro o titulo ou *Chrisma*, a Beltran o pariato, a Fuão a cadei-

ra de sabio em troca da tripessa !!! Que caridade !! que virtude !! ouro e mais ouro, eis em que consistem as virtudes de hoje, eis a pedra philosophal do seculo ! as virtudes bem interpretadas hoje deixam liso o homem que as pratica, e adulteradas conduzem os *benemeritos caridosos* aos lugares que ambicionam, e ao esquecimento de seu antigo passado !! as virtudes estão pois adulteradas, não se praticam debaixo do ponto de vista para que foram instituidas, antes pelo contrario hoje em dia significam fausto, grandeza, humilhação, dependencia, affectação e vergonha sem limites.

J. A. DA SILVA GUIMARÃES.

Cartas a Aldina.

II

Sobraçado pelos fastigios de uma semsaboria impressionado pelas delongas de uma ausencia mortificadora ; recordando as horas de salutare delicias que passei a teu lado, recordando-me daquelles momentos deleitosos, de tuas fallas pronunciadas com tanto fogo, de tuas madeixas, que com minhas mãos acariciava, do volver de teus grandes olhos, d'onde emanavam sentelhas tão vivazes que trespassavam as fibras mais recouditas de meu peito ; Aldina, foi n'um desses momentos de primaz melancolia que pretendi reconciliar o somno ; em vão, porém, foi o meu pretender, uma por uma foram contadas as pancadas que o campanario fazia soar. Eram quatro horas quando exasperado me ergui do leito : a minha idéa era uma só : o meu pensamento era só — Aldina ! Sahi de casa e encaminhei-me para Santa Thereza.

Quando lá cheguei ainda o espaço jazia envolvido na escuridão ; ainda a terra era presa desse véo negro, opaco e triste a que se chama — noite.

Tudo era silencio ! recostei-me na relva que matiza essa paragem deliciosa, que lumedecida pelo orvalho me deleitava com sua frescura.

A brisa mansa e fagueira se deslisava por entre as folhas dos arbustos, que soberbos se deleitavam com ella ; as estrelas scintilantes, unicas que davam alguma claridade, resplandeciam alegres como o pai que vê o filho do qual se achava separado ha alguns lustros ; como os passarinhos que inda innocentes no ninho vêem chegar a mãe trazendo-lhe o sustento e os afagos maternaes.

Meditei.... meditei neste quadro formoso da natureza, comprehendi o quanto a missão do philosopho é sublime, e sem mesmo saber como, sem ter uma vontade firme fui soltando estas endêxas.

O' tu, Deos Omnipotente,
O' rei de todo o universo,
Como teu genio potente
Vive aqui em tudo impresso !
Este sublime quadro,
Esta emanação celeste,
Ah ! só tu, só tu podeste
Formar com infindo agrado.

Este socego fagueiro,
Tão fagueiro e magestoso
E' um quadro verdadeiro
De teu saber potentoso ;
Estas estrellas luzentes,
Lá no céo a scintilar,
Parecem querer saltar
Aonde existem viventes.

Esta brisa que teimosa
Faz os arbustos curvar,
E' como a fresca rosa
No jardim a despontar :
Tudo revella o talento,
Tudo revella o saber,
Em tudo faz comprehender
Que ha um Deos Omnipotente.

Aldina, quando acabei já principiava a apparecer o crepusculo da manhã ; as estrellas principiavam a sumir-se — escondiam-se ás vistas profanas dos viventes.

Já se ouvia o despertar dos passarinhos, que sahindo da sua habitação chilravam saudando o dia, que principiava a raiar.

Quanto é bello, Aldina, ver despontar a aurora de cima de uma montanha, como esta ! Quão felizes são os habitantes do campo ! Quão felizes elles são ! Elles porém não sabem comprehender tal felicidade.

As nuvens ora rosadas, ora alvas, que se apresentavam nesse espaço do horisonte servindo de guarda avançada ao astro rei, formavam um quadro famoso.

O canto do sabiá, do coleiro e de outros alados cantores, que pulando de arvore em arvore apreciavam a sua liberdade ; era mais um composto para esse quadro.

Principiei a contemplar esta nova, mas já opulenta cidade ; aqui a Gloria no alto de uma montanhasinha querendo mostrar, pela sua posição elegante, pelo seu manto de alvura o quanto é real a gloria da vida eterna. Ali o morro do Castello attestando o quanto seu poder é grande, zombando do dominio dos homens, que desejam arrancar-o de seu lar, que pretendem demolil-o para se apoderarem dessas riquezas fabulosas, que dizem existir em seu amago.

Além o de Paula Mattos que vai adquirindo summa importancia.

Esses templos, essas casas do Senhor sobresa-hindo com seus pincares a toda essa infinidade de casas, que ornem as estreitas, sempre humidas, mas compridas ruas da capital.

Essa bahia extensa que os antigos habitantes destas paragens denominaram — Guanabara — coberta de vasos, varios em fórmas, e tamanhos.

O Sol, que radiante apparecia por entre montanhas verdejautes ; e que se retratava nessas aguas limpidas e claras ; confesso-o, Aldina, que ao contemplar tanta grandeza, tanta belleza reunida por um momento me esqueci de ti.... perdoa !.... foi minha alma, que radiante exalou um solfejo de alegria ; foi o meu pensamento que se envolveu nas gallas da natureza ao contemplar o fecundo genio do homem.

Quando descii dessa paragem amena eram dez horas.

Como me pediste para te relatar as novidades desta parte da terra, onde viste a luz, eu principio, por uma festa religiosa. No domingo passado houve a festa annual na Capella de Nossa Senhora Mãi dos Homens com toda a pompa : girando-las desde a vespera subiam ao ar annunciando tão grande festividade : o corpo da Igreja armado deslumbrava as vistas dos visitantes, que eram immensos. A musica estrepitosa, tanto na missa como no *Te-Deum* dava um apparatus excessivo e fez com que concorressem mais fieis. E' o progresso do seculo !

Findo esta, Aldina, com um acontecimento triste. Falleceu Fernando Jacomo arrojando-se abaixo da janella de sua habitação em um momento de allucinação. Joven de muitas esperanças nem lhe faltava talento nem força de vontade. Tinha estabelecido um jornal — A Revista do Globo — da qual era principal redactor. Genio fecundo : viria um dia a ser a gloria de sua patria. A mão da sorte, porém, tinha decidido de sua vida. Ah ! as almas grandes não habitam por

muito tempo a terra : Deos reconhece-lhe a grandeza e chama-as a seu seio.

Ora por elle. Adeus.

1856, Maio 7.

ECHO ELISIO.

Sociedade Dezaseis de Setembro

(Conclusão do seu Relatorio.)

Foi pois, coadjuvado pelos meus companheiros da Directoria, e com a idéa fixa, de que acorçoado pelos Srs. socios daria magestoso impulso á nossa instituição, que vos convoquei extraordinariamente em 30 do mez passado.

A minha esperança foi além, com patriotismo o digo, do presupposto, pois de quarenta socios que tinhamos, se elevam hoje a noventa.

Não especializo os Srs. socios que tão louvavelmente se esforçaram no augmento da sociedade, porque todos vós os conheceis; no entanto em nome do gremio que represento, lhes agradeço tanta dedicação, e a sua continua prestimosidade, será um incentivo áquelles que acariciam a esperança de imital-os.

Além do motivo exposto, porque vos convoquei em 30 do passado, tinha mais, como ao principio disse, a reforma dos Estatutos e a eleição de parte ou toda a Directoria.

Os nossos Estatutos foram approvados; e coincidia isto, uma mudança radical nas disposições organicas; por isso em conformidade á nova lei, ia a sociedade entrar em nova phase; phase no meu entender grandiosa, que cumprindo-se o seu disposto, seriamos invejados por todos aquelles que amam o solo lusitano.

Trabalhávos nós todos, Srs. socios, em conseguir o fim a que nos propozemos e pela já citada cifra de socios angariados, em tão pouco tempo, o reconhecereis.

O illustre autor da reforma dos Estatutos, o nosso mui digno socio o Sr. Bento Serzedello, os ia depositar nas mãos da commissão, e esta, fazer as suas investigações, e passar a mandar imprimir, para vos serem distribuidos, quando occurrencia imprevista (bem que á muito desejada) fez soster a commissão.

Um requerimento (que vos apresento) assignado pelos Srs. Bento Serzedello, Antonio Joaquim Coelho da Silveira e Joaquim Antonio Pedroso, socios da primeira sociedade *Dezaseis de Setembro*, sollicitando que chegassemos a um accordo,

mutuamente honroso, para a união, sob nova lei, daquella e da nossa sociedade, e que ficassem sanadas as antigas dissidencias, foi o que deu azo, a desviar-me do imcumbido na ultima assembléa.

Sendo aquelles Srs., socios tambem da nossa sociedade, dirigiram igual requerimento á primeira sociedade *Dezaseis de Setembro*.

Os despachos das duas Directorias foram adherindo á fusão; e para esse fim se reuniram, inclusive os requerentes, no salão do *Gabinete Portuguez de Leitura*, e accordaram na união, sobre as bases que estão á vista, dependendo esta deliberação, dos vossos votos.

Reunidos em Assembléa geral, em 20 do corrente, os socios da primeira sociedade *Dezaseis de Setembro*, decidiram a fusão; e aguardam a vossa decisão, para o fim desejado.

Eu não preciso fazer commentarios inherentes á vossa deliberação; de sobejo confio em vossa perspicacia; e estou bem certo que todos vós sentis patriotismo, e por consequencia não deixareis incolume o vosso suffragio, para a união das duas sociedades que, fermando uma só, e robustecida por todos, comprehenderá então, concludentemente a sua missão — A Beneficencia e a Instrução — Assim, concorrereis para a communhão portugueza: a distancia de 2,000 leguas da terra de nossas saudades, e os vindouros, julgando com criterio vossa deliberação, vos tributarão grata homenagem, pelo que fizesteis em prol da civilização.

Antes de findar consenti-me, que vos dê conta pessoal da sociedade, seu rendimento e despezas; e pelo balancete que estais vendo, tomareis todos os esclarecimentos.

Contamos hoje noventa socios contribuintes; alguns, que além da joia de 10,000 rs., têm pago mensalidades, e outros, que ainda só offerteram a joia.

RECEITA.

Joa de noventa socios a 10,000.	900,000
Mensalidades de trinta e quatro ditos.	188,000

Somma Rs. 1,088,000

DESPEZA.

Despezas geraes	70,680
-----------------	--------

Saldo a favor da Sociedade. Rs. 1,017,320

Eis ahi, Senhores, o patrimonio da sociedade, que promptamente entregaremos a quem nos succeder.

Senhores :

Em breves dias termina a missão da Directoria, ella tem feito o possivel, compativel com a dignidade e integridade da sociedade, e se apesar dos seus esforços não tem conseguido o almejado engrandecimento, estai bem certos que não lhe falleceu a vontade.

Rio de Janeiro, 27 de Abril de 1856.

POESIAS.

A Exm.^a Snr.^a D. M. L. de A.

—*Serás tu virgem pura dos campos
Quem minh' harpa virás accordar.*

A. H.

Quem te deu, ó donzella, essa graça
Que teu riso, teus gestos matiza,
Quem te deu a ternura e meiguice,
Que aos mortaes arrebatada, electriza ?

Por ventura, quiz Deus em teu rosto
A belleza celeste pintar,
Em tua graça, teu riso, teu gesto,
Aos humanos a *Virgem* lembrar ?

E's acaso dos céos Seraphim
Cá na esphera terrestre baixado,
Para aos filhos de Adão memorar
A dulia do Deus Humanado ?

Ou de paz, és tu iris novissimo
Pelo Deus de Noé enyiado,
A sellar a alliança que fez
Com o povo das aguas salvado ?

Nem és iris, nem anjo celeste,
Tens missão de mais alto valor
Simbolisa o teu nome a candra
Ceos e terra, ventura e amor.

Não transmudes por outro brasão
Esse nome celeste — Mulher !
Foi mulher a Purissima Virgem
E Susanna, Judith e Esther.

Mas és joven, e frágil teu sexo
Podes ser nas paixões involvida,
E o homem tem artes tão varias,
Póde bem vos levar de vencida.

Não escutes as phrases, donzella,
De farfante doutor de salão
Seu amor não lhe passa dos labios
E' de marmore o seu coração

Se vos dizem com voz bemolada
Serdes vós o seu unico amor,
Não dês fé todas são tredas vozes
Que no mel só escondem a dor.

O amor é paixão divinal
Que nem anjos poderam gozar,
Se um Eden por culpa perdemos,
Outro Eden nos fez Deos achar.

O amor é paixão divinal
Não se nutre de gosos carnaes,
A ternura, meiguice, innocencia,
Dão-lhe seiva, são seus pedestaes.

Guarda, guarda, ó donzella gentil,
Lá no cofre do teu coração
Votos d'alma a teus dotes rendidos
Emanados de pura affeição.

Cabo Frio 7 de Março de 1856.

D. A. M. DO AMARAL.

o Seducitor.

Avançada era a noite, ave agoureira
Elevando-se ao ar, soltava tristes
Canticos de quem pena ;
No arbusto além pousou, e sacudindo
As denegridas azas renovava,
A voz tão pouco amena.

A lua que formosa despontára
Por detraz da colina verdejante
No lago reflectia...
E a brisa percorrendo na expessura
Aos verdes tenros ramos dos arbustos
Os affastava e unia.

O mar que além batia mansamente
 Nas arenosas praias estendido
 Como a lua raiava ;
 Quando pelo declive do terreno
 Velozmente descia para o meio
 Como a brisa soava.

Ao depois por encanto repentino
 Essa lua formosa se occultando
 Todo o astro escureceu
 Por entre feias trevas caminhando
 Com medo de ser visto o seductor
 La vai... chegou ...bateu ...

Alva mão delicada se lhe estende
 De prompto, e terna voz mas vacillante ;
 Sobe, sobe, lhe diz.

Elle em fim meigamente corresponde,
 Colhe a mão e s'inclina para dentro
 Sobe, e beija a infeliz !

Triumph a seducção, e mentirosas
 Esperanças descobrem n'um momento
 Um destino da vida !...
 Elle sai, mais não volta, a infeliz, um pranto
 Fica d'então vertendo, louca, triste,
 E perdida, perdida !...

Märço 30 de 1856.

J. J. BARBOSA DE CASTRO.

Descrença.

Pende, pende, minha lyra,
 E não mais cantos m'inspira
 Que fallem apenas d'amor ;
 Obedece ao sentimento
 Que me mata a fogo lento,
 Obedece á minha dor.

Já cantaste com ternura,
 Um passado de ventura,
 Um passado sem senão ;
 Hoje só tristes enjéxas
 Em tuas cordas me deixas
 Vibrar sem doce illusão.

Como risonho era o dia
 Em que contente podia
 Na lyra cantar amor !
 Eram felizes momentos
 Pois que doces sentimentos
 Eu cantava com primor.

Recordei em ti gostoso
 O momento saudoso
 Em que soube ser amado,
 E em ti symbolisei
 O que mais então amei
 Sempre alegre—descuidado.

Eu bem sei que tristemente
 Te verás hoje pendente
 Esquecida—desprezada ;
 Porém sinto que mais tarde
 Ha-de vir a saudade
 Dizer que sejas chamada.

Mas em quanto q'esse dia
 Não venha doce alegria
 Ao coração despertar ;
 Pende, pende, minha lyra,
 Mas não mais cantos me inspira
 Que fallem sempre d'amar.

Rio, Maio 4 de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Seus olhos.

Seus olhos tão meigos, tão ternos quo amei
 P'ra mim scintilavam,
 Seus olhos formosos quaes lindos rubins
 A amar convidavam ! ! !

Amei-os qual se ama em noite tremenda
 O astro brilhante,
 Amei-os qual ama a mimosa florinha
 Favonio errante.

Amei-os fechados... dormindo...sonhando
 Em sonhos d'amor,
 Amei-os abertos, sobre elles pairando,
 Suave pudôr !...

Amei-os na vida... na morte... inda os amo,
 Ate os adoro ;
 Mas já os não vejo, remedio a meus males
 Só a Deos imploro !

E erão taes olhos que os meus attrahiam
 Com mago condão,
 Se a mim os volvia contente pulsava
 O meu coração.

Porém a esquecer esses olhos que amei
 Sou hoje forçado,
 Que faço sem elles vivendo a morrer
 No mundo isolado ? !...

12 de Abril de 1856.

A. J. de CARVALHO LIMA.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA

Rua da Valla n. 111.